



UNILAB

**Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira**

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM HISTÓRIAS E
CULTURAS AFRO-BRASILEIRA, INDÍGENA E AFRICANA**

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

ÉRIKA MARIA LÚCIO SILVEIRA SILVA

IMAGEM DO INDÍGENA NA OBRA LITERÁRIA ALENCARIANA

REDENÇÃO-CE

2014

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM HISTÓRIAS E
CULTURAS AFRO-BRASILEIRA, INDÍGENA E AFRICANA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

IMAGEM DO INDÍGENA NA OBRA LITERÁRIA ALENCARIANA

Monografia apresentada como requisito obrigatório para Conclusão do Curso de Especialização *Lato Sensu* em Histórias e Culturas Afro-Brasileira Indígena e Africana, e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, sob a orientação da Profa. Dra. Monalisa Valente Ferreira.

REDENÇÃO-CE

2014

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catálogo na fonte
Bibliotecário: Francisco das Chagas M. de Queiroz – CRB-3 / 1170

S586i

Silva, Érika Maria Lúcio Silveira.

Imagem do indígena na obra literária alencarina / Érika Maria Lúcio Silveira Silva. Redenção, 2014.

34 f.; 30 cm.

Monografia do curso de Especialização em Histórias e Culturas Afro-Brasileira, Indígena e Africana da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Profa. Dra. Monalisa Valente Ferreira.
Inclui referências bibliográficas.

1. Ficção brasileira 2. Características nacionais 3. Imagem (Psicologia). 4. Literatura indígena. I. Título.

CDD 869.41

IMAGEM DO INDÍGENA NA OBRA LITERÁRIA ALENCARIANA

Monografia apresentada como requisito obrigatório para Conclusão do Curso de Especialização *Lato Sensu* em Histórias e Culturas Afro-Brasileira, Indígena e Africana da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, sob a orientação da Profa. Dra. Monalisa Valente Ferreira.

Érika Maria Lúcio Silveira Silva

MONOGRAFIA APROVADA EM 14 / 04 / 2014

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Monalisa Valente Ferreira

Profa. Dra. Monalisa Valente Ferreira - UNILAB

1ºExaminador: Ludmylla

Profa. Dra. Ludmylla Mendes Lima - UNILAB

2ºExaminador: Ramon Souza Capelle

Prof. Dr. Ramon Souza Capelle de Andrade - UNILAB

Prof. Dr. Lourenço Ocuni Cá - Coordenador do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em História e Cultura Afro-Brasileira, Indígena e Africana.

Redenção, 19 de Novembro de 2014.

Dedico a todos que me auxiliaram durante este trabalho, principalmente a minha família, por terem me possibilitado a oportunidade de conquistar mais uma etapa de minha caminhada e para todos que concebem a leitura como um bem cultural que nos liberta e nos transforma, fazendo de cada um de nós um ser completo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, onde busquei força e coragem para a concretização de meu trabalho.

À minha família, pelo apoio, compreensão e incentivo na construção e concretização deste trabalho, pois sem eles essa história não teria começado.

À minha orientadora, Professora Dra. Monalisa Valente, pelos seus conhecimentos, competência e dedicação durante o curso e na elaboração desta monografia.

“Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida [...]. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela”. (LAJOLO)

RESUMO

A linha diretriz da presente pesquisa bibliográfica é a investigação das formas estéticas e ideológicas da temática indígena nas obras românticas, em especial as de José de Alencar, a fim de repensar as motivações articuladas no projeto de identidade nacional à época Romântica. A base teórica centra-se em estudos de críticos que investigaram relações histórico-sociológicas e estéticas da temática indianista associadas à formação da literatura brasileira, tais como Alfredo Bosi e Antonio Cândido, bem como naqueles que trataram sobre a leitura, como Marisa Lajolo. O presente trabalho discorre brevemente sobre o romantismo e a nacionalidade na literatura brasileira, apresenta como houve a busca da identidade a partir da emancipação política como projeto de unificação, na ideia de nação, de um único povo. No romantismo Alencar propõe o nascimento do brasileiro em seus romances a partir da união do índio com o branco, índio idealizado com valores europeus. Em seguida a análise de suas obras indianistas e a visão dos críticos já anteriormente supracitados.

Palavras-Chave: Índios. Romantismo José de Alencar. Leitura.



ABSTRACT

The main line of this bibliographic research is to investigate the aesthetic and ideological forms of indigenous issues in the romantic works , especially those by José de Alencar , in order to rethink the reasons articulated in the design of national identity to the Romantic era . The theoretical basis focuses on studies that investigate critical historical- sociological and aesthetic relations of Indian- theme associated with the formation of Brazilian literature , such as Alfredo Bosi and Antonio Candido , as well as those who have treated about reading , as Marisa Lajolo . This paper discusses briefly about the romance and nationality in Brazilian literature, was presented as the search for identity from the political emancipation and unification project , the idea of nation, one people . Romanticism Alencar proposes the birth of the Brazilian in his novels from the union of Indian and white , idealized Indian with European values . Then the analysis of his works and vision Indianists critics previously above .

Keywords : Indians . Romanticism José de Alencar . Reading.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
1. O PROJETO ESTÉTICO- IDEOLÓGICO À ÉPOCA ROMÂNTICA NO BRASIL	12
1.1. A BUSCA DA IDENTIFICAÇÃO NACIONAL	17
1.2. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO ÍNDIO DE JOSÉ DE ALENCAR	19
2. JOSÉ DE ALENCAR E OS EMBATES NA FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA.....	25
2.1.A IMAGEM DO ÍNDIO NO ROMANTISMO	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

APRESENTAÇÃO

Este trabalho ressalta a temática referente à representação da imagem do indígena na obra literária alencariana, com foco em *Iracema*, *O Guarani* e *Ubirajara*.

A formação da literatura brasileira apresenta um viés voltado para a busca de valorização de aspectos peculiares da recém-independente nação, com o intuito de construir uma literatura com características próprias que representasse a cultura e a história do país. Ampliando a visão construtiva da nação, que reunia um conjunto de obras que evidenciava o desejo em cultivar nos leitores o sentimento patriótico, a valorização do índio, o sentimento religioso e a apreciação da natureza, Alencar fundamentou sua obra indianista imbuído dessa missão de intelectuais.

Analisar a representação do índio como personagem heroico e as motivações pelo uso da imagem do mesmo como símbolo da cultura local por parte dos intelectuais-romancistas são objetivos desse trabalho. Nestas escolhas, entretanto, despontam algumas problemáticas: o que subjaz a eleição do índio e do negro, para além do discurso de primeiro estar aqui? Como esse aspecto se alicerça a estrutura ainda escravista e de sustentação do país recém-independente?

Em análise dessa trajetória da história de formação da literatura e da nação brasileira, é relevante pensar nos desdobramentos de discursos pertinentes ao processo de ensino-aprendizagem de obras literárias e a atualização daquele processo com a abordagem de temáticas africanas, indígenas e afro-brasileiras no currículo escolar com a criação da lei 10.639/2003. Entretanto, deparamo-nos com a necessidade da aplicabilidade da mesma, uma vez que uma observação mais apurada das práticas do cotidiano escolar na Educação Básica revela a manutenção de discursos amenos sobre as questões étnico-raciais e a abordagem das temáticas resume-se, geralmente, aos dias comemorativos e/ou folclóricos. Ou seja, superdimensionada a lei, mas nas práticas do ensino-aprendizagem, a invisibilidade permanece.

A Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 foi sancionada no Governo Lula e “altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências” (PCN’S). A partir da lei, tornou-se obrigatório, no currículo escolar da

educação básica, o “estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil” (art. 26-A, § 1º).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), ratificando posição da Constituição Federal de 1988, determina que “o ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia” (art. 26, § 4º). Portanto, a Lei 11.645, de 10 de Março de 2008 inclui a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Indígena no Ensino Fundamental e Médio de redes pública e privada.

Portanto, a base nacional comum deve “abranger, obrigatoriamente, o estudo da Língua Portuguesa e da Matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil”. Em relação ao ensino de História do Brasil, deve-se levar em conta “as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia” (art. 26, § 1º ao 4º).

Diante da problemática apontada sobre a forma de aplicabilidade da referida Lei, e diante dos embates recorrentes sobre a imagem de índios e negros na Literatura Brasileira, sem uma busca de aspectos críticos, inclusive de autores que escolheram como ícones da representação literária em dado momento da história literária, justifica-se a escolha da análise de imagens de índios inseridos nas obras de Alencar para o presente estudo. Principalmente para, no processo de ensino, apresentar os embates e destituir reproduções de discursos que, ao invés de entender as motivações primeiras na constituição da literatura e da presença de índios, por exemplo, na obra, reforçam modelos hierárquicos sob a capa da pseudo-valorização.

Os objetivos específicos são conhecer quais os elementos que imperaram na eleição de temas indianistas pelos escritores românticos, em particular, José de Alencar. A primeira etapa do processo é delinear o estado da questão sobre as ações mobilizadoras no projeto estético-ideológico à época do Romantismo, na busca de entender como houve a construção da nacionalidade brasileira no campo da expressão literária. A segunda parte dessa monografia propõe-se a tratar a visão de Alencar em relação ao indígena e a análise dos críticos.

A monografia possui como aporte teórico a ideia de críticos que trabalharam as relações indígenas em obras, tais como Alfredo Bosi, Antônio Cândido, Silviano Santiago, entre outros e tem como objetivo geral analisar, com o aporte histórico-sociológico, a correlação existente da constituição da literatura brasileira com formação de um Brasil recém-independente, localizando, assim, nosso período na época do romantismo, no século XIX, e os desdobramentos de certos discursos na contemporaneidade, no que concerne à prática docente.

1. O PROJETO ESTÉTICO-IDEOLÓGICO À ÉPOCA ROMÂNTICA NO BRASIL

Antes de tratar especificamente sobre a imagem indígena no contexto histórico e literário, bem como as concepções ideológicas que a motivam, é necessário fazer uma viagem no tempo, discorrendo sobre o Romantismo.

Um dos críticos literários que discorreu com propriedade sobre tais questões, com estudos sobre a fundação da literatura brasileira e as implicações no sentido sistêmico, da conjuntura necessária para a existência de uma literatura, Antonio Candido, informa em *O Romantismo no Brasil*:

Um elemento importante nos anos de 1820 e 1830 foi o desejo de autonomia literária, tornado mais vivo depois da Independência. Então, o Romantismo apareceu aos poucos como caminho favorável à expressão própria da nação recém-fundada, pois fornecia concepções e modelos que permitiam afirmar o particularismo, e, portanto a identidade, em oposição à Metrópole, identificada com a tradição clássica. Assim surgiu algo novo: a noção de que no Brasil havia uma produção literária com características próprias, que agora seria definida e descrita como justificativa da reivindicação de autonomia espiritual. (CANDIDO, 2002, p. 20.)

Antonio Candido faz uma síntese desse postulado: “1) o Brasil precisa ter uma literatura independente; 2) essa literatura recebe suas características do meio, das raças e dos costumes próprios do país; 3) os índios são os brasileiros mais lídimos, devendo-se investigar as suas características poéticas e tomá-las como tema; 4) além do índio, são critérios de identificação nacional, a descrição da natureza e dos costumes; [...]”¹.

No Brasil pós-independência, a ideia de nação se relacionava intrinsecamente a de natureza. Moraes ressalta que “a necessidade de criar uma identidade brasileira foi a principal tarefa em que intelectuais e artistas investiram, pois acreditavam que tinham a missão de construir uma pátria por intermédio da arte, da ciência e da política. Para tanto, era preciso descobrir valores que pudessem dar

¹CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*, v. 2, 8. ed. Belo Horizonte – Rio: Itatiaia. (Reconquista do Brasil).

sustentação a essa identidade”². Com isso, passa a ser preocupação dos autores brasileiros construir uma literatura inovadora que ressaltasse a questão da nacionalidade, devido apresentar nos poemas temas como o campo, os mares, a magnífica natureza.

Esse novo movimento é livre de expressões conotativas, o método, era expressar poeticamente as características do país, baseando-se no Arcadismo, porém expressando a realidade do Brasil. Sempre destacando a exuberante natureza. A busca da nacionalidade, em paralelo na história e na literatura expressa ideias, críticas subentendidas ou claramente expostas, através da escrita literária.

Ferdinand Denis (1798-1890) no *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1826) declara:

Por intermédio de Denis, e de outros franceses que também viveram aqui, os brasileiros puderam sentir como o particularismo, inclusive sob a forma do pitoresco, se ajustava ao desejo de diferenciação e busca de identidade nacional. (CANDIDO, 2002, p.21-22)

Afirma Antonio Candido (2002, p. 23.) que entre a publicação do *Résumé* e a data oficial de início do Romantismo brasileiro, 1836, estende-se uma fase durante a qual foram amadurecendo entre os intelectuais os tópicos que ele pôs em discussão ou sugeriu: consciência de autonomia; verificação do passado literário; reconhecimento da posição central dos temas nativistas; inclinação para as novas tendências estéticas, que não nomeia, mas eram as do Romantismo.

A escolha de temáticas na literatura que contemplassem tais aspectos significativos daquele Brasil de então como tentativa de distanciamento do domínio português expressava também uma libertação de ideias advindas da independência.

A manifestação acontecia de inúmeras maneiras, fosse por meio de cantos saudosos, que desejava revelar um país que lutava em busca de liberdade frente à categoria de ex-colônia fosse por meio de textos críticos que repreendia a sociedade escravocrata brasileira, contestando a omissão do povo brasileiro por não reagir diante de tamanha atrocidade:

Existe um povo que a bandeira empresta
Pra cobrir tanta infâmia e cobardia!
Auriverde pendão de minha terra,

²MORAES, Vera Lucia Albuquerque de. Entre Narciso e Eros: a construção do discurso amoroso em Jose de Alencar. Fortaleza: UFC, 2005, p. 152.

Que a brisa do Brasil beija e balança.
(CASTRO ALVES, S/D, p. 138)

Desse modo, os primeiros movimentos literários foram inspirados na literatura europeia, porém, a partir da época da independência os autores brasileiros, desejosos de constituir uma literatura representativa da nova condição, optaram por exaltar a pátria, a natureza, os índios, a fim de ressaltar um Brasil livre do jugo português e que revelasse transformações, fossem socioculturais, fossem literárias. Dentro desse contexto, também optaram por divulgar cenas do cotidiano, e representar ideias abolicionistas, denunciando o colonizador português e a estrutura escravista, e usando os argumentos estético-ideológicos para evidenciar o sofrimento dos africanos.

Hoje... O porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste a jaguar [...]. (CASTRO ALVES, S/D p.137)

Além da temática do negro, com castro Alves, as primeiras composições ocupavam-se na busca do patriotismo, ou seja, exaltação do amor à pátria, do qual cabia à literatura servir como estímulo e dever, isto é, ela servia como estímulo a adorar, idolatrar a pátria. Com isso a literatura foi considerada imprescindível para a construção da grandeza da nação. Um exemplo claro é através da “*Canção do Exílio*”, de Gonçalves Dias, que repassa em suas palavras o encantamento por sua terra de origem e, com isso, estimula o amor à pátria, pois ao descrever poeticamente as terras nacionais, demonstra todo o seu amor e saudade, reforçando assim, o sentimento de patriotismo, na tentativa/ propósito de estimular a aquisição, por parte desse sentimento de devoção e entusiasmo pela pátria mãe gentil.

“Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá”. (GONÇALVES DIAS, S/D, p.66).

Declara Antonio Candido em *O Romantismo no Brasil* (2002, p.21) que Ferdinand Denis (1798-1890) *No Résumé de l’histoire littéraire du Portugal suivi du résumé de l’histoire littéraire du Brésil* (1826), fundou a teoria e a história da nossa literatura (...). Para ele “Os brasileiros deveriam, portanto, concentrar-se na descrição da sua natureza e costumes, dando realce ao índio, o habitante primitivo e por isso mais autêntico segundo Denis”.

Na análise do sociólogo e crítico literário Antonio Candido, o escritor Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-82) publicou, retomando Ferdinand Denis, o “Ensaio sobre a história da literatura brasileira”, no qual traçava o programa renovador, retomando alguns desses aspectos no prefácio do livro que publicou no mesmo ano, *Suspiros poéticos e saudades*, considerado pelos contemporâneos do escritor e por muito tempo pela historiografia literária brasileira o ponto de partida da transformação literária e iniciador da literatura propriamente brasileira. (CANDIDO, 2002, p.26).

Para Antonio Candido, em seu livro *Iniciação à Literatura Brasileira*, a literatura, como produto cultural inserido em um contexto histórico-sociológico, contribui para a compreensão de aspectos indeníveis de países que vivenciaram o colonialismo. A geração de autores brasileiros, imbuídos de traçar diferenciais frente aos modelos ditados pela antiga metrópole, dedicou, àquela época, construir quadros representativos de elementos da natureza e da gente brasileira. O diferencial desse movimento era não se basear em textos clássicos ou de ideias portuguesas, mas sim, através dos que manifestassem a ideia de libertação da condição de colônia. Antonio Candido declara que “Portanto, como toda a cultura dominante no Brasil, a literatura culta foi aqui um produto da colonização, um transplante da literatura portuguesa, da qual saiu a nossa como prolongamento”. (1999, p 12-13)

A partir da época da independência do Brasil, os autores brasileiros também quiseram usufruir de uma livre literatura e optaram por exaltar a pátria, a natureza e os índios a fim de ressaltar aspectos singulares da nação, que melhor os identificassem e desvencilhar-se do que representasse cultura da antiga metrópole.

Passa a ser preocupação dos intelectuais principalmente a partir da independência política do Brasil tentavam “dotar o Brasil de uma literatura equivalente à europeia, que exprimisse a sua realidade própria ou como então se dizia, uma ‘literatura nacional’.” (CANDIDO, 1971:11).

A acepção era, portanto, aprimorada se houvesse personagens índios que representasse esteticamente a nação e tal escolha subjaz o ideário de afastamento dos modelos outros, visto que pensava em elementos nossos. Escolher o indígena e não a imagem do negro como personagem herói de toda nação também refletia o tratamento hierárquico frente ao negro, além disso, eles ainda estavam presos, escravizados, e então não poderia tornar herói personagens presos e submissos,

tampouco lançar dúvidas sobre a estrutura que sustentava as bases da recém-nação.

Serviu inclusive para mascarar (como disse Roger Bastide) a herança africana, considerada então menos digna, porque o negro ainda era escravo e não fôra idealizado pelas literaturas da Europa, que, ao contrário, fizeram do indígena um personagem cheio de encanto e nobreza, como se deu na obra de Chateaubriand e, na América do Norte, na de Fenimore Cooper. (CÂNDIDO, 1999, p.43)

Notamos, então, que era necessário escolher um personagem que fosse um representante fiel dessa nação, que sua imagem refletisse características próprias dessa terra, o eleito, portanto, foi o índio, o nativo, concebido como herói, rico em valores. A vida da nação é retratada em aspectos culturais por meio da linguagem dos hábitos, dos costumes do índio, tal como percebemos na seguinte passagem de *Iracema*:

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.
O guerreiro falou: - Quebras comigo a flecha da paz?
-Quem te ensinou guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu? (ALENCAR, 1877, p.16)

Percebemos que nesse trecho do capítulo II, a linguagem dos símbolos indígenas ao escrever quebrar a seta, significa, entre os indígenas, a maneira simbólica de estabelecerem a paz entre tribos ou guerreiros inimigos, segundo explicação de Alencar na nota de rodapé. No capítulo III, p. 17, *Iracema* acende o “fogo da hospitalidade”, outro costume indígena de acolher o hóspede. No capítulo XXIV, p. 69 Martin passa por uma cerimônia para tornar-se um guerreiro vermelho filho de Tupã, recebe o nome de Cotiabo, que significa guerreiro pintado:

O estrangeiro tendo adotado a pátria da esposa e do amigo, devia passar por aquela cerimônia, para tornar-se um guerreiro vermelho, filho de Tupã. Martín inicia, portanto uma mudança de costumes: 'Foi costume da raça filha de tupã que o guerreiro trouxesse no corpo as cores de sua nação'. Traçavam em princípios negras riscas sobre o corpo, à semelhança do pelo do quati, de onde procedeu ao nome dessa arte da pintura guerreira”.

A leitura de Silvano Santiago no texto “Iracema, coração indômito de Pindorama” pode ser aproveitada para mostrar que o índio quando era batizado tinha a simbologia de espiritualização. Para o branco tornar-se um “igual” ao índio, o

processo de ritualização era como um sofrimento, a imolação da carne. Subjaz aí que tornar-se um cristão, receber o batismo um nome cristão, ser civilizado era glorificador, mas ao contrário representaria um rebaixar-se ao primitivo.

1.1. A BUSCA DA IDENTIDADE NACIONAL

Para a construção da nacionalidade brasileira no Brasil recém-independente, a literatura teria seu papel para os intelectuais românticos preocupados em pensar obras que representassem a nova nação, Alencar ao escrever *O Guarani* e *Iracema*, evidenciou os indígenas e essa temática e outras representativas da chamada “cor local” foram o diferencial em relação à literatura portuguesa, entretanto o índio descrito é idealizado, distante de seu tempo, valorizado como o índio guerreiro, mitificado, capaz de abnegar a sua cultura, aceitar a perda de sua identidade para servir ao branco.

O livro *O Guarani* concebe a origem da nação brasileira da união do índio Peri que aceita os valores cristãos com a Cecília, filha do português Antonio Mariz que se rendera aos encantos da natureza do novo mundo. Une-se natureza e cultura. Percebe-se a preocupação de Alencar, naquele intuito da busca da nacionalidade, mostrar a presença de uma língua que poderia identificar o ser brasileiro. Não defende o tupi-guarani, mas o português modificado pela natureza dos nativos. Defendendo, portanto a independência linguística para a construção da identidade da nação. O Brasil seria assim uma “nação de caráter luso-tupi” de acordo com FIORIN:

O Brasil seria, assim, a síntese do velho e do novo mundo, construída depois da destruição do edifício colonial e dos elementos perversos da natureza. Os elementos lusitanos permanecem, mas modificados pelos valores da natureza americana. A nação brasileira aparece depois de um dilúvio, em cuja descrição se junta os mitos das duas civilizações constitutivas de nosso povo, o de Noé e o de Tamandaré (1995, p. 291-296 in FIORIN, 2009:119).

Mas, todavia, o escritor, José de Alencar afirmava que “o conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade da literatura. Ele nos dá não só o verdadeiro estilo, como as imagens poéticas do selvagem, os modos de seu

pensamento, as tendências de seu espírito, e até as menores particularidades de sua vida”³.

Aos olhos do romancista, suas obras não podiam deixar de valorizar a linguagem e estilo brasileiro, além da natureza. Essa concepção só destaca o sentimento nacionalista, a busca pela identidade do país, seu “Instinto de nacionalidade”, expressão utilizada pelo escritor Machado de Assis ao descrever o espírito de José de Alencar.

Apesar de viver em uma época em que permeava a influência da cultura europeia, Alencar evidenciou a nossa terra afirmando que “todas estas cenas dos costumes pastoris de minha terra natal, conto eu reproduzi-las com sua cor local, em um romance de que apenas estão escritos os primeiros capítulos”. (1960, p.964).

Luís Felipe Ribeiro, em “Iracema, a pátria amada mãe gentil”, declara que críticos, como Cavalcanti Proença, vislumbraram em Alencar a ideia de que ele tinha em mente um projeto muito claro de, com sua ficção, “desenhar a largos traços o projeto de nossa identidade nacional ou de uma *pátria brasileira*, (PROENÇA, 1977, p. XVIII *apud*. RIBEIRO, 1995, pp.91-102).

Percebemos que as obras alencarianas de temáticas indianistas foram manifestadamente escritas a fim de induzir o leitor a refletir sobre a questão da nacionalidade e em tais obras existem subsídios para que possamos perceber como ele pensou em elementos estéticos para se pensar projetos de constituição da nação brasileira. Ele exalta os índios, demonstra os costumes específicos dos mesmos, registra a etimologia, os representantes mestiços, descreve a natureza em detalhes, com relatos de nomes das plantas.

A obra *Iracema* inicia com a exaltação da natureza e valorização da terra natal: “Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros.”⁴ A sequência segue composta por metáforas e comparações, características da personagem com elementos da natureza: “Iracema a virgem dos lábios de mel que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais negros que o talhe da palmeira, o favo de mel não era tão doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado”. (Capítulo 2- p. 15).

³ ALENCAR, Jose de. “Carta ao Dr. Jaguaribe” In: *Iracema: Lenda do Ceará*. 1.ed. Rio de Janeiro: Tip. de Vianna & Filhos, 1865.

⁴ ALENCAR, José. *Iracema*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009, Cap. 1, p. 13.

Tal como assevera Sílvio Romero, em *História da literatura brasileira*, o conjunto da obra de José de Alencar oferece um panorama das características regionais do país, das suas tradições e de seus costumes. Conforme observou o crítico, “pode-se dizer que não ficou recanto do nosso viver histórico-social em que ele não tivesse lançado um raio de seu espírito”. Dessa forma, a obra alencariana configura, pela primeira vez nas letras brasileiras, “a noção de literatura como forma de conhecimento de nossa realidade e veículo de superior emoção estética”. (ROMERO, 1998, p.400)

A literatura é um veículo de comunicação de ideias e conhecimentos que são transmitidos e utilizados de maneira a expressar críticas e citações subentendidas, tal como Antônio Candido afirma, em *Literatura e Sociedade*:

(...) depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais (CÂNDIDO, 2006, p.30).

Sentimos a necessidade de repensar a influência que cada obra exerce sobre a sociedade, considerando como o meio, a realidade e o contexto histórico são expostos nas obras. Podemos entender que as obras literárias se tornam um produto social, pois caracteriza cada civilização, já que descreve modos de vida e características da sociedade, e ainda se torna um fator que contribui para uma análise e modificação no modo de pensar e agir da população.

1.2. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO ÍNDIO DE JOSÉ DE ALENCAR

⁵Weslei Roberto Cândido afirma que, em geral, quando se comenta a literatura de José de Alencar, pensa-se nesta em seus traços indianistas. Clássicos como *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara* são divulgados pela crítica literária tradicional no Brasil como a trilogia indianista que deu fama ao escritor cearense. Pouco se questiona o fato desta literatura ter sido produzida por um homem da sociedade fluminense, totalmente estudado e conhecedor da cultura ocidental. Discute-se,

⁵ Weslei Roberto Cândido é doutorando pela UNESP – Assis, professor e coordenador da Área de Gestão do IFSP – Campus Sertãozinho, além de ser editor da Revista ILUMINART.

geralmente, segundo o crítico, certo artificialismo que há nas descrições que Alencar fez dos índios, e também a excessiva idealização de personagens como Peri, Iracema e Ubirajara.

No entanto, o próprio escritor havia declarado em suas páginas sobre os povos indígenas que seu ideal era despir os índios daqueles traços grotescos que lhe haviam colocado os europeus em seus diários de viagens. Portanto, seu índio era um personagem de romance, belo, idealizado, forjado para ser símbolo de uma nacionalidade que estava em construção. Assim, sua beleza, força, heroísmo faz com que os índios sejam como os cavaleiros medievais, os quais não existiram no Brasil, por falta de uma Idade Média. De forma que, dentro do ideal de a América ser a renovadora do Velho Mundo, o índio figura nas obras de Alencar como o cavaleiro nobre das florestas.

Weslei acrescenta que este artificialismo denuncia, na verdade, uma literatura que se apropriou do mundo indígena para forjar a origem de um povo. A atitude de Alencar é política, engajada num ideal maior de construção de uma identidade americana. Este olhar o mundo dos índios permite ao escritor resgatar a gênese do povo americano em seu processo de formação, porém não resgata verdadeiramente as vozes dos índios. Estes são evocados como um passado glorioso, mas não são discutidos como membros reais da sociedade americana; são entidades de um mundo mítico distanciado no tempo épico das grandes narrativas de origem de um povo.

Antonio Candido, assim como Bosi (1992) no seu estudo “O mito sacrificial no indianismo de José de Alencar”, que traça paralelo sobre o modelo medieval e a construção da imagem do índio na obra alencariana, explica que, “Por ocasião da Independência já estavam instalados no papel de elemento simbólico da pátria, prontos para o retoque decisivo que os românticos lhes darão, assimilando-os ao cavaleiro medieval, embelezando os seus costumes, emprestando-lhes comportamento requintado e suprema nobreza de sentimentos”. (CANDIDO, 1992, p.42 - 43).

Vera Lúcia Albuquerque de Moraes também trabalha nessa perspectiva, em sua análise na organização da obra *O Guarani*, sobre aquele paralelismo entre mundo medieval europeu e mundo indígena, explicitando que:

Uma das vertentes do Romantismo brasileiro, o indianismo representou um esforço dos intelectuais literatos do país em afirmar uma identidade nacional, vendo no elemento indígena idealizado as origens naturais do povo e da índole brasileira buscando para tanto o ideal do bom selvagem, em Rousseau, e os valores de nobreza dos cavaleiros medievais. No Romantismo, esta vertente é trabalhada pela imaginação e sentimentalismo, e concilia o primitivismo com os mais elevados valores morais do cristianismo, ressaltando-se que em Gonçalves Dias há uma defesa maior de seu caráter puro e superior ao dos brancos colonizadores, do que há em José de Alencar, mais afeito ao elemento civilizador (MORAES, 2002).

Para Bosi, José de Alencar é influenciado pela filosofia do “bom selvagem” de Rousseau – que pregava ser o homem essencialmente bom, embora socialmente, em contato com outros homens, pudesse degradar-se. Isso explica o porquê de seus verdadeiros heróis estarem concentrados no sertão e no campo, observa Bosi, enquanto na cidade os homens seriam mais desfibrados e sujeitos a rebaixamentos morais e éticos. O mito alencariano reúne sob a imagem comum do herói, o colonizador, tido como generoso feudatário, e o colonizado, visto ao mesmo tempo como súdito fiel e bom selvagem.

Alfredo Bosi (1992, p. 178) observa que “nas histórias de Peri e Iracema a entrega do índio ao branco é incondicional, faz-se de corpo e alma, implicando sacrifício e abandono da sua pertença à tribo de origem”. Seria a hierarquia em Alencar, com a perspectiva de, embora herói, embora dotado de atributos cavaleirescos, de nobreza, bravura, coragem, o índio é representado, ainda, em postura de subserviência frente ao branco. O que precisa morrer para vingar o outro, o exógeno, o que precisa ajoelhar-se frente ao outro para receber o nome de batismo permitindo a ele acessos.

A cultura em si do indígena é coberta pela capa protetora e “benevolamente” dominadora do branco. Tal como percebemos no trecho “o índio sacrificaria tudo antes do que consentir que um pesar anuviasse o rostinho faceiro de sua bela senhora”. (*O Guarani*, s; d, p.33); para destacar a bravura, optamos por citar um trecho da página 15: “O índio, com os pés apoiados fortemente nas pernas da onça, e o corpo inclinado sobre a forquilha, mantinha assim imóvel a fera, que há pouco corria a mata não encontrando obstáculos à sua passagem”. Para ilustrar a subserviência ao colonizador, demonstramos com falas do próprio índio Peri: “- Peri é escravo da senhora”, ao se reportar a Cecília. (p. 73).

Em *O Guarani e Iracema*, Alencar propõe através do enredo, a integração das raças, com a junção do índio ao branco. Já em *Ubirajara*, de 1874, escrito três anos antes da morte do escritor, ele propõe a união de tribos indígenas, conservando os costumes, os rituais e a cultura desses povos primitivos. Alencar demonstra através do trecho da página 90, capítulo 09: “As duas setas desceram transpassando uma pela outra com os braços do guerreiro quando se cruzam ao peito para exprimir a amizade. Ubirajara apanhou-as no ar. - Este é emblema da união. Ubirajara fará a nação Tocantim tão poderosa como a nação Araguaia. Ambas serão irmãs na glória e formação uma só, que há de ser a grande nação Ubirajara, senhora dos rios, montes e florestas”.

Nas obras *O Guarani e Iracema* a época representada permeia o processo de colonização, sendo que Martim Moreno Soares é um português em expedição e em *O Guarani*, a família portuguesa já estava instalada na fazenda. E em *Ubirajara*, o período retratado é anterior à colonização, no qual Alencar procura mostrar o índio em seu habitat natural, descrevendo suas leis, seus costumes, seus códigos e seus rituais, antes da influência estrangeira e da ação perniciosa de aventureiros.

Em *Ubirajara*, José de Alencar faz uma advertência e admite a influência nociva e destruidora dos invasores junto aos nativos. Nessa obra ele não prega mais a agregação étnica – ao contrário, expõe a primitiva Nação brasileira com suas inúmeras tribos guerreiras e as alianças serão formadas entre os próprios grupos indígenas em direção a uma síntese final de união e harmonia. Bosi, em *Dialética da Colonização* (1992, p. 181), faz uma leitura de *Ubirajara*:

Trata-se de uma poetização da vida indígena anterior ao descobrimento. A nota sugere uma leitura da colonização portuguesa como um feito de violência. Defendendo os tupis da pecha de traidores com que os infamaram alguns cronistas, assim lhes rebate Alencar: ‘Foi depois da colonização que os portugueses, assaltando-os como a feras e caçando-os a dente de cão, ensinaram-lhes a traição que eles não conheciam’.

Bosi conclui que as obras retratam a oscilação de Alencar entre o romantismo selvagem e a perspectiva histórica. (BOSI, 1992, p. 193). Silvano Santiago, por sua vez, observa que José de Alencar não classifica *Iracema* como um romance histórico; identifica-o como “lenda”, uma lenda do Ceará. Iracema, Martim e Moacir são os principais personagens da lenda sobre a fundação da província do Ceará, que lhe foi contada quando criança. (SANTIAGO, 2001, p.17).

Percebemos, assim, a partir do que aqui foi exposto, pensar nos limites históricos nos contornos da vida e da sociedade na própria concepção da narrativa. Em suma, o escritor José de Alencar trata esteticamente história/lenda/índio, afinal, estamos diante de uma obra literária. Mas, atrelado ao propósito do autor em constituir um projeto estético-literário de nação, mediante, a partir da própria *Iracema*, a presença de condução com prólogo e epílogo sobre aquele propósito, marca-se, nesse trabalho, a análise sobre essa ilação entre viés ideológico e a matiz estética construída pelo escritor em suas obras indianistas. Bosi, naquela esteira aqui apontada reflete sobre a fuga da história e o voltar-se, de Alencar, para a lenda e o mito, com o índio sendo retratado como servo permissivo, um ser colonizado que entra em comunhão com o colonizador. Assim, até que ponto a representação do índio realmente induziria um sentimento de valorização do mesmo?

Para Bosi, o esperável seria que o índio ocupasse, no imaginário pós-colonial, o lugar que lhe competia, o papel de rebelde, ele afirma que o índio de Alencar entra em profunda comunhão com o colonizador. (BOSI, 1992, p. 177) Percebe-se, desse modo, que diante do sofrimento e do risco de morte, o índio nas obras possuem atitudes de aceitação e cumpre o que o branco lhe sugere sem hesitar. Considerando assim existir um mito sacrificial na obra romântica de Alencar, Bosi analisa (1992, p. 179) que a nobreza dos fracos naquele autor só se conquista pelo sacrifício de suas vidas. Nesse sentido, o índio é visto nas obras de Alencar, como súdito fiel e bom selvagem.

Peri sereno e altivo recebia com um soberbo desdém a ameaça e o insulto, e sentia certo orgulho pensando que no meio de todos aqueles guerreiros fortes e armados, ele, o prisioneiro, o inimigo que ia ser sacrificado, era o verdadeiro, o único vencedor. Talvez pareça isso incompreensível; mas o fato é que Peri o pensava, e que só o segredo que ele guardava no fundo de sua alma podia explicar a razão desse pensamento e a tranquilidade com que esperava o suplício. (ALENCAR, s.d, p. 175).

É perceptível, nesse trecho, o sentimento de amor e idolatria de Peri a Cecília, o que o tornava submisso e alienado a ponto de receber o sacramento cristão para poder acompanhá-la no desenlace final diante do perigo eminente que a dama sofria. O narrador expõe Peri a uma situação de resignação diante dos inimigos frente ao possível sacrifício. O segredo daria essa postura de um verdadeiro guerreiro, e, portanto acreditava nessa concepção, motivo de orgulho. Tal construção de índio valoroso diante da morte representa aquilo que o Bosi informa

sobre o mito sacrificial em Alencar, no qual o mundo medieval está em paralelo àquelas cenas e caracteres de nobreza que Alencar impingiu ao protagonista. Em *Juca Pirama*, Gonçalves Dias também constrói o índio dotado de valor, corajoso, que não teme a morte, permanece resistente e com uma postura firme, lutando para preservar sua cultura e em defesa de seu povo.

Entretanto, a questão do Peri em imolar-se em prol da defesa do branco colonizador, o qual servia como se fosse algo do seu íntimo, de maneira espontânea, embora saibamos que se trata de relação de troca de favores e de respeito. Mas qual o propósito de se configurar a imagem do índio daquele jeito no projeto estético e de pátria brasileira do Alencar? Tentaremos, na próxima parte, pensar tais propósitos a partir dos embates do escritor nesse processo da formação da literatura brasileira.

2. JOSÉ DE ALENCAR E OS EMBATES NA FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA

De acordo com Antonio Candido, através da obra *A confederação dos Tamoios* de Gonçalves de Magalhães “é possível dizer que esse Romantismo inicial foi sobretudo programático e conviveu bem com a tradição”. Tanto assim que os seus integrantes ainda escreviam tragédias de corte tradicional e epopeias, como foi o caso *d’A confederação dos Tamoios*, de Magalhães, poema em dez cantos sobre uma rebelião de índios contra o colonizador, no século XVI. Publicado em 1856 depois de longo preparo, ele fora concebido para ser a grande demonstração de validade nacional do tema indígena, mas, ainda na esteira da análise de Candido, resultou uma obra desinteressante e pesada, da qual raros trechos resistiram ao tempo. (CANDIDO, 2002, p.29). Para Alfredo Bosi, a referida obra de Magalhães, “pareciam (e eram) insuficientes aos olhos dos próprios românticos”. (BOSI, 1936, p. 104). Candido, na obra *Iniciação a Literatura Brasileira*, questiona:

O primeiro Romantismo, marcado pelo compromisso e os meios-tons, teve entre outros méritos o de fundar a crítica literária no Brasil, tomando como ponto de referência a discussão do problema da autonomia. Havia de fato uma literatura brasileira? Seria ela distinta da portuguesa? A polêmica e as hesitações prolongaram-se até tarde, havendo alguns que afirmavam a impossibilidade de haver duas literaturas dentro da mesma língua; outros adotavam critério puramente histórico, ou mesmo político, afirmando que a partir da Independência a literatura praticada no Brasil se tornou distinta da portuguesa; os mais radicais, que acabaram prevalecendo, eram no caso os esteticamente moderados românticos iniciais, que achavam que no Brasil sempre houvera uma literatura própria, embora menos nitidamente caracterizada antes da renovação que propuseram. (CANDIDO, 1999, p. 32).

No texto crítico “Iracema, o Coração Indômito de Pindorama”, Silviano Santiago observa que Machado de Assis declara que “não existe na prosa de Alencar, um interior da protagonista a ser descrito pelo romancista e a ser desvendado pelo leitor, Iracema é um coração indômito”. (2001, p. 20). A crítica ao escritor José de Alencar recai no fato de ele dar destaque a características físicas da índia, enquanto o interior da personagem não é valorizado. Para ele, Iracema foi constituída como um coração selvagem, pura aparência por isso a comparação com a natureza. No fundo, ela representaria a Pindorama empossada pelo branco. O índio que cede seu espaço ajuda esse colonizador a passar pelas aleias e até luta

contra os seus irmãos na tentativa de proteger o amado. É como se fosse Pindorama, na representação da terra, recebendo o estrangeiro e protegendo-o das adversidades próprias do espaço. Natureza que protege o branco, impulsionada por quem a conhece. Santiago tece críticas à literatura brasileira àquela época por apresentar características, na escrita, sob o ponto de vista europeu, mesmo com todo o projeto de nacionalidade dos autores José de Alencar e Gonçalves Dias. Critica ainda a postura de os escritores terem dado ênfase à cor local, sem darem relevância aos considerados temas universal.

José de Alencar, o também autor dos romances *O guarani* (1855) e *Ubirajara* (1872) acreditava que “o conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade da literatura” e por isso, aconselhava a si e aos pares: É nessa fonte que deve beber o poeta brasileiro; é dela que deve sair o verdadeiro poema nacional, tal como eu o imaginava”. (SILVIANO SANTIAGO, 2001, P.13).

A presença constante da linguagem baseada na língua indígena, ora encanta ora paralisa a leitura, pela necessidade constante da visualização das famosas notas explicativas para que houvesse a compreensão do enredo; o registro dos costumes com base etnológica, os elementos filológicos, a etimologia que fez o próprio Alencar criar nomes de personagens como Iracema e Irapuã, a descrição da fauna e da flora: todos esses elementos, para Alencar, serviriam de base, de exemplo para a jovem nação e artistas pensarem sobre e constituírem uma literatura com os caracteres locais que nos representasse. Em “*O Instinto de Nacionalidade*”, de 1873, o escritor Machado de Assis diria que o fato de ter tais e quais elementos da terra, de se ter índio, de se falar em árvores e pássaros não necessariamente daria a literatura o teor de nacional.

A obra poderia não ter nenhum desses elementos, mas poderia ter aquele sentimento íntimo que nos representa; ao escritor, necessário seria o talento para empenhar esses elementos. Ainda no referido ensaio, Machado destaca que esse elemento de discussão da nacionalidade só aconteceria, de fato, com a geração realista, contrapondo a fase do Romantismo de Alencar. Para ele, era necessário um maior espaço de tempo, após a independência brasileira, para que a literatura ganhasse maior destaque e autonomia. Enfatiza que a literatura brasileira era vinculada à literatura portuguesa. Consideramos que o conceito de nacionalismo seria a construção de uma realidade autônoma e específica, então produzir uma

literatura nacionalista com traços europeus não caracteriza de fato uma literatura própria, e sim algo repetitivo e copiado. Sobre o romance, Machado de Assis declara que:

A falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura; é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de história se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam. (MACHADO DE ASSIS, 1873).

Sentimos a necessidade de um olhar crítico sob a literatura, a fim de analisar e apontar aperfeiçoamentos e assim favorecer uma melhor qualidade. Percebe-se que no desenvolvimento da obra, Machado estabelece que as repetidas comparações e descrições sejam exacerbadas e acaba influenciando a dispersão da narrativa, o que prejudica e impossibilita a sequência e o entendimento. Declara ainda sobre a poesia que:

Há uma parte da poesia que, justamente preocupada com a cor local, cai muitas vezes numa funesta ilusão. Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país, o que pode dar uma nacionalidade de vocábulos e nada mais. Aprecia-se a cor local, mas é preciso que a imaginação lhe dê os seus toques, e que estes sejam naturais, não de acarreto. (MACHADO DE ASSIS, 1873).

Podemos compreender que a crítica à poesia, na perspectiva de Machado de Assis, é que faltou às obras de Alencar maior habilidade e aprimoramento em utilizar de uma melhor forma a imaginação. Para ele, ficou forçado o tratamento da temática. Era preciso uma delineação natural e implícita: “Os defeitos que resumidamente aponto não os tenho por incorrigíveis; a crítica os emendaria; na falta dela, o tempo se incumbirá de trazer às vocações as melhorias leis”. (MACHADO DE ASSIS, 1873).

2.1. A IMAGEM DO ÍNDIO NO ROMANTISMO.

Acreditamos que no período do Romantismo, o índio é focalizado como herói em algumas narrativas, simbolizando o elemento nativo em sua pureza – portanto, ainda não contaminado pelos vícios e deturpações da vida urbana. Percebe-se que há, nessas obras alencarianas, uma cristianização do tema do paraíso americano e de nossa origem selvagem. Elas retratam o confronto de culturas e o choque de valores civilizados e selvagens. Para isso, ele fez pesquisas aprofundadas e criou os personagens, tinha por objetivo histórias nas quais os brasileiros pudessem lembrar as origens da própria terra onde pisam. Vale ressaltar que muitas vezes trata-se também de uma literatura mais ligada à fantasia e à imaginação. “(...) A palmeira arrastada pela torrente impetuosa fugia... E sumiu-se no horizonte...” (*O Guarani*, José de Alencar, 1829, p. 221.).

Nessa perspectiva, Bosi, em “*Dialética da Colonização*”, (1992, p.187) cita que Alencar oscilaria entre um romantismo selvagem, pré-social, que define o homem como um simples comparsa dos dramas majestosos dos alimentos, e a perspectiva histórica, mais coerente e assídua, pela qual a natureza brasileira é posta a serviço do nobre colonizador. No entanto, as ideias de Alencar confrontam-se com os fatos verídicos da história. Conforme Isabelle Braz Peixoto da Silva, no texto “Índio no Ceará: Cultura, política e identidade” (apud CARVALHO, 2003) estudos recentes em antropologia têm preferido – ao abordar o confronto entre culturas distintas – referir-se a um “processo de negociação de sentidos” a recorrer à ideia simplista de “aculturação” de um povo por outro. Pode-se compreender que desta forma os índios foram sujeitos protagonistas de seu processo histórico, e não foram excluídos e considerados vítimas das circunstâncias impostas pelos colonizadores.

Criados a partir da imaginação fértil dos escritores, esses índios, por vezes, tinham qualidades e características que os aproximavam de valentes e cortesões e cavaleiros medievais e eram dotados de beleza física, sabedoria e força moral. Segundo Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira*, (2006, p.105), o índio, fonte da nobreza nacional, seria, em princípio, o análogo do “bárbaro”, que se impusera no Medievo e construía o mundo feudal: eis a tese que vincula o passadista da América ao da Europa.

Acreditando nessa proposição, arrisco-me a revisitar um lugar-comum dos comparatistas literários que afinam o indianismo brasileiro pelo diapasão europeu da romantização das origens nacionais. Lá, figuras e cenas medievais; cá, o mundo indígena tal e qual o surpreenderam os descobridores. (BOSI, 1992, p.176).

Segundo Bosi, em *Dialética da Colonização* (1992, p. 189), “o que marca o indianismo de Alencar é a inclusão do selvagem nessa esfera de nobreza, na qual cabe sentimento de devoção absoluta (de Peri e Ceci) e também de ódio sem margens (dos aimorés aos brancos do solar)”. Nota-se a crítica ao fato da conversão do índio Peri ao branco, a proteção à Ceci, e o distanciamento da cultura e identidade própria frente à lealdade ao colonizador, assim como em *Iracema há a doação*, a veneração da índia ao branco.

Nas duas obras *O Guarani* e *Iracema* firma-se o peso do elemento português na formação da identidade brasileira. Observa-se que são obras escritas sob um ponto de vista europeu, não sob um olhar característico do índio. Nas obras os indígenas desapegam de suas crenças e tornam-se submissos aos brancos. Isolam-se de sua tribo, renunciam sua vida em favor do outro. Bosi declara que: “Iracema, no belo poema em prosa que traz o seu nome, apaixona-se por Martim Soares Moreno, o colonizador do Ceará por amor de quem rompe a sua nação tabajara depois de violar o segredo da jurema.” (BOSI, 1936, p.178).

O crítico complementa afirmando que nas histórias de Peri e de Iracema, a entrega do índio ao branco é incondicional faz-se de corpo e alma, implicando sacrifício e abandono da sua pertença à tribo de origem. Uma partida sem retorno. Da virgem de lábios de mel disse Machado de Assis em artigo que escreveu logo que saiu o romance: “Não resiste, nem indaga: desde que os olhos de Martim se trocaram com os seus, a moça curvou a cabeça àquela doce escravidão”. Para Bosi, o risco de sofrimento e morte é aceito pelo selvagem sem qualquer hesitação, como se a sua atitude devota para com o branco representasse o cumprimento de um destino que Alencar apresenta em termos heroicos ou idílicos. (BOSI, 1992, P. 178-179).

Para Bosi, aquela forma legitima o genocídio, transformando-os em casamento ideal. Assim, o índio valorizado por Alencar é o índio submisso, aquele capaz de morrer em benefício do invasor de suas terras. É precisamente esse índio anulado, atenuado, dotado de todos os valores cristãos, que impugne a si mesmo o auto sacrifício na pretensa proteção ao colonizador que é elevado à categoria de

símbolo da nacionalidade. A morte de Iracema é também a morte de seu povo, morte física e de sua identidade.

Em *Iracema*, a protagonista “*encarna as qualidades da desejada pátria brasileira*”⁶. Sua relação com Martim é de passividade, segundo Ribeiro, a colonização possibilitou o surgimento da população brasileira, nascida do amor entre brancos e indígenas. O primeiro cearense- Moacir, filho do branco colonizador e da nativa possibilita o surgimento de uma população brasileira.

Em nenhum momento Alencar mostra a presença do europeu como nociva ao nativo, ele legitima a invasão de forma simpática, conciliatória, mostra que o índio deve sacrificar-se (no caso Iracema, Peri) submeter-se, para que a nação se desenvolva. Embora seja rico na linguagem e com muitas informações e referências á identidade nativa, além da ousadia estética, estas contrastam com os valores e modos de ser europeu, dá ênfase ao papel da religião cristã, enfim, legitimam a ideia de extermínio, diluição e desaparecimento indígena.

⁶CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. São Paulo: Martins, 1971.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo relatar as ideias no contexto histórico, político, social e cultural de um Brasil pós-independente por meio da leitura de *Iracema*, *O Guarani* e *Ubirajara*, romances indianistas do escritor José de Alencar, que desejava uma literatura brasileira com identidade própria.

Durante o estudo das obras, percebemos como as ideias e proposições de cada período na construção de nossa identidade deixaram marcas, imprimiram modelos, sujeitos a revisões e negações posteriores, mas as imagens e conceitos, alguns permanecem e bem vivos no imaginário do povo.

A princípio, foi pensado em uma pesquisa, que seria em uma escola de ensino médio, que buscasse perceber a visão e interpretação dos alunos em relação às obras indianistas alencarianas, mas o trabalho foi redimensionado e voltado para uma análise crítica e literária das referidas obras, a fim de compreendê-las melhor.

A imagem do índio, embora hoje reeditada ainda seja muito forte o índio idealizado no romantismo - o *bom selvagem*, personagem heroico. A mistura já presente nos mitos indígenas de Alencar índio e branco, vai se ampliar com a integração do elemento negro, excluído desse primeiro momento. O trabalho apresentou a explicação do porquê dessa exclusão devido buscar retratar a cor local, e o filho da terra: o nativo.

O fato de querer conhecer melhor o início da Literatura Brasileira e como o índio foi inserido nesse contexto, fez-nos repensar a condição do índio, que atualmente é excluído e ainda sofre preconceito da sociedade e aprofundar o estudo para que pudéssemos direcionar ações voltadas à cultura indígena e o estudo da Literatura brasileira na sala de aula com maior aprimoramento, sendo que o Curso de Pós- Graduação, Especialização Lato Sensu em Histórias e Culturas Afro-Brasileira, Indígena e Africana foi uma sequência de um processo de formação da pesquisadora, que antes de adentrar naquele curso, participou de um projeto do município de Redenção que tinha como título *As Cores de Redenção*. Tal projeto visava trabalhar a cultura indígena, africana e afro-brasileira nas escolas, mas de maneira contínua. O conhecimento sobre as temáticas tratadas tanto na Especialização quanto no referido projeto alicerçado na Lei 11.645, de 10 de Março de 2008 e na Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 permite ao professor das

Escolas públicas a repensarem as práticas pedagógicas e as abordagens e leituras críticas de obras literárias e dos registros históricos. Esse conhecimento adquirido pela pesquisadora através dessa sequência de cursos de formação suscitou aquele desejo de estudar e aplicar os debates sobre a construção da imagem do índio seja na representação literária, seja na realidade posta.

Escolher a temática indígena adveio desse questionar sobre a exclusão de um povo que tanto contribuiu para a identidade brasileira. Entender as contradições de o índio servir, à época do nacionalismo romântico, como símbolo de patriotismo, de nacionalidade e ainda, nas entrelinhas, representar a submissão, “o mito sacrificial” frente ao colonizador. Peri é o que se ajoelha para receber o nome do pai de Ceci e orgulha-se disso. Mas, somente desse jeito, batizado, despojado de sua cultura, poderá acompanhar e proteger Ceci. Índio estetizado. O real, de ontem e de hoje, ainda sofre discriminação, então o papel do educador é se preparar e adquirir argumentos para reaver revisar discursos cerceadores e repensar as imagens de índios no ensino, na tentativa da aplicabilidade efetiva da Lei. Plantar essa concepção em crianças e adolescentes sob uma visão literária foi necessário muito estudo, agora é trabalhar com maior direcionamento para ressignificar a história. Interpretar melhor as obras, apresentar posicionamentos críticos, fazê-los identificarem a realidade, observarem as distinções da representação estética e do real, embora observadas as ideologias e discursos que subjazem as imagens e os sentidos que se perpetuaram ao logo do tempo.

Com conhecimento repassado através do ambiente escolar redefine no discente uma capacidade de compreensão sobre o desenvolvimento do Brasil, valorizando seu povo, sua origem e reestruturando o futuro. Ao longo desse trabalho procurou-se delinear o panorama de obras indianistas de José de Alencar com relevância as críticas e seus reflexos sobre a constituição da literatura brasileira.

Analisar a opinião de vários críticos aperfeiçoou minha visão sobre a Literatura Brasileira, percebi que em seus romances indianistas *Iracema* e *O Guarani*, Alencar procurou representar o índio não com seus problemas como a escravidão, a morte por epidemias ou as revoltas e conflitos ao ver os seus territórios sendo invadidos por estrangeiros, fazendeiros e até o próprio estado, mas o autor buscou valorizar o índio comparando aos cavaleiros medievais com característica de guerreiro, forte. Entretanto Alencar escreveu mitos que não

representava a realidade brasileira e os críticos questionaram como construir uma identidade e uma nacionalidade brasileira sem escrever de forma baseado na realidade do seu tempo?

As críticas foram muitas e persistem até hoje, mas é notório o reconhecimento do autor diante da sociedade e como suas obras favoreceram uma aproximação e conhecimento da cultura indígena brasileira. Acreditando que tudo é processo e que essa identidade se constrói e reconstrói muito ainda há que se fazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. **Iracema**: Lenda do Ceará. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009. (Clássicos Saraiva).

_____. **O Guarani** - Coleção José de Alencar / romance condensado por Celso Leopoldo - Pagnan. São Paulo: Rideel, 2009. – (Coleção José de Alencar).

_____. **O Guarani**. 20. edição, São Paulo: Ática, 1996 (Bom livro. 1857) Publicação-.

_____. **Ubirajara**. Apresentação: Vera Lúcia Albuquerque de Moraes. Rio- São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2002.

ASSIS, Machado de. **Machado de Assis: crítica, notícia da atual literatura brasileira**. São Paulo: Agir, 1959, p. 28-34: Instinto de nacionalidade. (1ª ed. 1873).

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. “Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar. In: **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro. Itatiaia Limitada. 8ª Edição, ano

_____. **Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes**. 3. ed.– São Paulo: Humanistas/ FFLCH/USP, 1999.

_____. **O Romantismo no Brasil**. . São Paulo: Humanistas / FFLCH / SP, 2002. 105p

FIORIN, José Luis. “A construção da identidade nacional brasileira”. In **BAKHTINIANA**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1o sem. 2009 Disponível em: revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/viewFile/3002/1933. Consulta em 28/03/2014

Lei nº 9.394/96, LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 1996.

Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia – 3ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

SANTIAGO, Silvano. “*Iracema*, coração indômito de Pindorama”. In: MOTA, Lourenço Dantas; ABDALA JUNIOR, Benjamin (orgs.). *Personae*: grandes personagens da literatura brasileira. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

RIBEIRO, Luís Filipe. “*Iracema*, a Pátria Amada Mãe Gentil”. In: V Seminário Mulher & Literatura, 1995 Natal, **Anais do V Seminário Mulher & Literatura**. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1995, p 91-102.

ROMERO, Sílvio. . **História da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1998. Vol. I. p. 400.